

O LÓGOS DE TUCÍDIDES SOBRE A GUERRA

Anna Lia A. de A. Prado
(FFLCH-USP)

Résumé

Le *lógos* de Thucydide, historien de la grande guerre au cours de laquelle Sparte et Athènes se sont affrontées, transparait, en général, dans la sélection et dans la trame des différentes chaînes d'événements belliqueux et dans la structuration de son oeuvre, puisque très rarement l'historien renonce à la distance que les moyens d'expression choisis lui assurent: le récit des faits et la parole déléguée aux personnages de l'Histoire. Un passage privilégié pour entendre le *lógos* de l'historien est celui de la Pathologie de la Guerre (III 82-3). En abandonnant le niveau des faits singuliers, Thucydide y parle, non pas de la guerre des Péloponnésiens et des Athéniens, mais de la Guerre en soi. Dans l'optique de ce texte, on peut dire que le sujet essentiel de Thucydide est la réflexion au sujet de la guerre et de la nature humaine, à partir des données procurées par l'étude d'une guerre prise comme paradigme.

Muito raramente, em sua **História da Guerra do Peloponeso**, Tucídides toma a palavra para exprimir suas idéias ou para emitir um julgamento pessoal. Mantém, ao contrário, uma posição de reserva e de distanciamento, escondendo-se por detrás dos fatos narrados e deixando que eles falem por si mesmos, organizados através de um esquema cronológico estrito que torna visíveis as várias cadeias de acontecimentos que, sucedendo-se, sobrepondo-se e entrecruzando-se, formam o urdume e a trama da guerra. A análise do presente, a reflexão sobre o passado, as perspectivas e prognósticos para o futuro são enunciados pelos próprios agentes dos atos da guerra, através de discursos que, na maioria das vezes, à maneira dos *δισσοὶ λόγοι*, aparecem sob forma de antilogias. Através da delegação da palavra às personagens da História, Tucídides consegue tornar inteligíveis os fatos relatados sem que lhe seja necessário enunciar, ele próprio, o seu discurso. Apesar disso, se hoje falamos de uma Guerra do Peloponeso e a conhecemos em todos os seus lances, é porque a *συγγραφή* que ele nos legou registra o seu *λόγος*, a coleta e a seleção que fez dos dados pertinentes ao grande conflito e também a compreensão racional e inteligente dos significados deles. Acompanhando sua exposição, aderimos ao seu *λόγος* e entendemos, como uma só guerra, várias lutas que tiveram início logo após a vitória de Salamina e terminaram com a derrota de Atenas e a destruição de seu império. É por isso que, com base num termo genérico, *τὰ Πελοποννησιακά*, que resume a expressão *Πόλεμος τῶν Πελοποννησίων καὶ Ἀθηναίων* (a guerra dos peloponésios e atenienses) que foi usada na frase título de seu livro como enunciado do tema e lembra os termos consagrados para nomear a Guerra de Tróia (*τὰ Τρωικά*) ou as guerras médicas (*τὰ Μηδικά*), fixou-se a denominação de Guerra do Peloponeso para lutas que os contemporâneos identificavam como Guerra do Dez Anos ou Guerra de Arquidamo, Guerra da Decelia, Guerra da Sicília e Guerra da Jônia, mas que Tucídides viu como a luta que Atenas travou para criar e manter seu império.

As poucas passagens em que Tucídides externa sua opinião pessoal se destacam tanto no fluxo da narrativa que, em alguns casos, até receberam títulos pelos quais são identificados e citadas pelos comentadores. As mais longas e notáveis são a **Arqueologia** (I 2-19), a **Metodologia** (I 22-3) e a **Patologia** (III 82-3).

A chamada Arqueologia funciona no prefácio como confirmação e amplificação (*αὔξησις*) do tema da obra: a guerra dos peloponésios e atenienses, que o historiador apresenta como a maior comoção para helenos e bárbaros. Os efeitos antigos, engrandecidos pela tradição poética, são reduzidos às suas reais proporções, através da força da inteligência que Tucídides usa como *βάσανος* (pedra de toque), fazendo que os indícios (*τεκμήρια*) que sua visão aguda descobre na opacidade do passado revelem sua verdade. Para isso faz dessa secção do texto uma demonstração da verdade de sua tese, a magnitude da Guerra do Peloponeso, onde ficam explícitos os dados e os processos da argumentação. A **Arqueologia** comprova a superioridade da guerra do Peloponeso em relação às anteriores, quanto a duração, populações envolvidas, extensão de territórios atingidos e quanto ao número de sofrimentos (*παθήματα*) causados aos homens. Essa era sua função primeira, mas ela dá a conhecer, ao mesmo

tempo, os procedimentos críticos a que o historiador submeteu os escassos dados que tinha à mão para aceitá-los, rejeitá-los ou ainda mais para dar-lhes uma interpretação pessoal. A **Arqueologia** é, portanto, a expressão do λόγος; do autor sobre os fatos antigos (τὰ ἀρχαῖα) e também o discurso sobre o caminho que leva ao conhecimento da verdade sobre o passado. Na **Metodologia**, Tucídides declara os procedimentos para seleção e crítica dos dados referentes à guerra, os λόγοι e os έργα. Ao mesmo tempo, dá a medida de sua intervenção como intérprete dos acontecimentos e anuncia os meios de expressão usados na elaboração de sua συγγραφή.

A **Arqueologia** e a **Metodologia** proclamam, portanto, o λόγος de Tucídides sobre a tarefa do historiador e sobre os meios para realizá-la.

O λόγος tucidideano sobre a guerra nós o encontramos no livro III (82-3), passagem conhecida como a **Patologia**. Embora seja um texto relativamente curto (precisamente três páginas na edição "Les Belles Lettres") e não alcance a extensão que, em geral, os discursos têm, a **Patologia** nos oferece uma ocasião privilegiada para a interpretação do propósito do autor ao compor sua obra. Ela vem imediatamente após a narrativa da sangrenta luta civil entre os oligarcas e o povo de Corcira, ilha da costa oeste da Grécia que, embora distante, não escapava ao jogo de forças entre Esparta e Atenas.

Atiçada e alimentada pela presença das frotas ateniense e pelo ponésia, sempre prontas a intervir no momento em que a facção a que davam apoio ameaçava fraquejar, a luta civil se tornou implacável e, tanto em terra como no mar, atingiu uma crueldade nunca vista. Tornou-se guerra total da qual nem as mulheres foram poupadas pois, forçando sua natureza, também elas enfrentavam o tumulto e participavam da luta. De nada valiam os acordos e os juramentos, que eram desrespeitados e renegados. Os vencidos, por medo da violência dos vencedores, preferiam a morte à rendição. Pediam que os companheiros os matassem ou, eles mesmos, procuravam a morte com os meios que tinham à mão. Tucídides termina o relato da στάσις em Corcira com uma frase pungente:

"A morte assumiu todas as formas e, como é costume em tal situação, nada deixou de ocorrer e até mais: pai matava filho, suplicantes eram arrancados dos santuários e junto deles eram mortos; alguns até morreram emparedados no santuário de Dioniso" (III 81,5).

O quadro do terror em Corcira faz parte de um complexo maior, integrado pelo relato da revolta e derrota de Mitilene e da rendição de Platéias, acontecimentos do quinto ano da guerra. Num e noutro episódio a narrativa dos acontecimentos é sublinhada por um par de discursos antitéticos. Cleão e Diódoto, em Atenas, debatem diante do povo a respeito da manutenção ou revogação da pena de morte decretada contra a população inteira do Mitilene, depois que foi frustrada sua tentativa de defeção do império ateniense. Os plateenses, aliados tradicionais de Atenas, defendem-se diante dos tabanos e lacedemônios quando se renderam ao inimigo, forçados pela fome, após longo assé-

dio. A discussão, nas duas antilogias, tem por fim propiciar uma decisão sobre um caso particular, a vida ou a morte para a população de Mitilene ou para os plateenses, mas ultrapassa-o porque os oradores levam o debate para um nível mais abstrato e geral, onde, a partir da reflexão sobre as forças que regem o comportamento humano, fica evidente que o critério que valida uma decisão é a eficácia e a utilidade para a conquista e manutenção do poder.

Os discursos dos atenienses, o de Cleão, o mais violento dos cidadãos (βιαιώτατος τῶν πολιτῶν), segundo Tucídides, e o de Diódoto, que aparece como frio e racional, junto com o discurso dos tebanos dão-nos um quadro de um mundo em que os valores tradicionais desapareceram sob a ação da guerra e a violência encontra sua justificação como instrumento eficaz para a satisfação do desejo de ter mais, a πλεονεξία. Neles os argumentos baseados no τὸ δίκαιον (o justo) e no τὸ καλόν (o belo) aparecem como meios de persuasão usados pelos mais fracos, porque os mais fortes, detentores do poder, chamam belo e justo ao que é ξυμφέρον ἢ ὠφέλιμον (vantajoso e útil).

Como parte integrante e fecho desse complexo, a chamada Patologia – para nós o λόγος de Tucídides sobre a guerra – é um desdobramento do relato da στάσις em Corcira e, segundo o esquema tucidideano de exposição, tem a mesma função dos discursos. Sua linguagem, que é extremamente concisa e densa, lembra o estilo e o vocabulário dos discursos, mas alcança um nível mais elevado de reflexão abstrata, porque não se refere exclusivamente aos acontecimentos e à situação concreta da πόλις dos corcireus, embora tenha neles seu ponto de partida, nem visa a convencer membros de uma assembléia deliberativa, apresentando argumentos persuasivos nem a refutar argumentos de um antagonista.

Nesse sentido pode-se dizer que a Patologia é a manifestação mais clara e direta do pensamento de Tucídides. Afé ele não está submetido à limitação de perspectiva que o dever de fidelidade na transmissão do sentido geral dos discursos realmente pronunciados lhe impõe, nem à disciplina do pesquisador comprometido com a precisão (ἀκρίβεια) no relato dos fatos singulares. É por isso que afirmamos que na Patologia está manifesto o λόγος de Tucídides sobre a guerra, entendendo com isso que nela o historiador, a partir de uma experiência vivida numa guerra determinada, onde os protagonistas foram peloponésios e atenienses, e servindo-se dela como paradigma, exprime de modo generalizante e abstrato o seu conceito sobre a guerra, caracterizando-a, explicitando os móveis que a impulsionavam e, principalmente, suas conseqüências para o indivíduo e para a sociedade.

Chama-nos a atenção o fato de que esse discurso do historiador irrompa na narrativa, como já dissemos, num ponto que trata de acontecimentos numa ilha distante, a propósito de fatos que dizem respeito à política interna de uma cidade e que, no momento, não seriam decisivos para a guerra dos peloponésios e atenienses. Parece-nos, entretanto, que a στάσις em Corcira, apenas uma dentre as muitas στάσεις que

ocorreram na Grécia, foi vista por Tucídides como um caso paradigmático que, num espaço e num tempo restrito e bem delimitado, reproduz em escala menor os traços do modelo maior.

Os peloponésios, chamados pelos δῆλοι, e os atenienses, chamados pelo povo de Corcira, são os pólos de um confronto de cujo embate resulta uma grande comoção que atinge, por assim dizer, todo o mundo helênico. Sublinhamos os pontos de contacto que há entre a introdução da História de Tucídides e as primeiras linhas da **Patologia** para tornar evidente que há, por parte do autor, o propósito explícito de, concentrando-se no caso particular de Corcira que lhe permite uma sinopse, dele usar como paradigma para elevar-se a outro nível de exposição onde possa abstrair-se do particular e chegar ao geral. Nesse momento interessa-o não mais a narração e avaliação dos atos da guerra dos peloponésios e atenienses, nem dos distúrbios em Corcira, mas a caracterização da guerra em si.

A análise de Tucídides tem como garantia de validade e, ao mesmo tempo, como pressuposto fundamental para a generalização a idéia de que a natureza humana é sempre a mesma¹ e de que os homens estão sujeitos a um conjunto de circunstâncias que se combinam fortuitamente – por isso ele fala de alternâncias das conjunturas da sorte (μεταβολαί τῶν ξυντυχιῶν III 82,1). A essas circunstâncias o homem só pode adaptar-se ou reagir, uma vez que lhe é impossível anulá-las. Na paz e na prosperidade a γνώμη (inteligência) tem condições para impor-se plenamente, conduzindo as ações e levando-as pelo melhor caminho. Na guerra, porém, já que esta é um mestre violento (βίαιος διδάσκαλος) a γνώμη cede lugar à ὄργη, o elemento passional que, livre do princípio moderador, mobiliza tendências inerentes à natureza humana que serão identificadas como a πλεονεξία (ambição de ter mais) e a φιλοτιμία (amor às honras).

A partir da caracterização do πόλεμος como βίαιος διδάσκαλος o texto dá um quadro da violência em ação durante os distúrbios em Corcira, num tom generalizante que o faz válido para toda e qualquer guerra. De acordo com o caráter abstrato e reflexivo assumido pelo texto, Tucídides deixa de lado a menção aos sofrimentos físicos infligidos aos homens, às mortes e ao sangue derramado, tendo em vista outro tipo de violência: a que atinge os homens no seu íntimo e transparece na subversão total da escala de valores vigente.

É evidente em Tucídides e seus contemporâneos um grande interesse pela linguagem, que era vista como um espelho onde se refletia a realidade. É por isso que ele sentia a inversão do sentido habitual das palavras (εἰωθυῖα ἀξίωσις τῶν ὀνομάτων III 82,4) como o indício mais evidente da lição de violência aprendida pelos homens em sua vivência de guerra.

Poucas passagens de Tucídides, autor que já os antigos consideravam como difícil, resistem tanto a uma tradução como essa que está numa posição central e bási-

1 – Cf. III 82, 1 5: ἕως ἄν ἡ αὐτὴ φύσις ἀνθρώπων ᾖ. "enquanto a natureza dos homens for a mesma".

ca para compreensão da **Patologia**. Tem uma forma contundente porque concisa e artificialmente e, tratando de conceitos, prepara o desenvolvimento ulterior do texto. Vale a pena, portanto apresentá-la numa tradução que, apesar de suas insuficiências, será mais útil que uma paráfrase:

“E a significação habitual das palavras em relação às coisas trocaram por uma interpretação pessoal: audácia irracional foi considerada coragem amiga dos companheiros, mas demora previdente, covardia de bela aparência; a moderação, disfarce do não viril e a compreensão do todo, inércia em tudo; a agressividade estúpida foi posta como uma qualidade a mais do varão, mas o deliberar com segurança foi tido como belo pretexto de fuga” (III 82,4).

O texto estruturado antiteticamente vai, passo a passo, justapondo os enunciados que caracterizam as qualidades do homem que surgiu com a guerra, um “homem novo”, e mostra, delineando seus traços, como ele é negação e oposto do homem antigo, aquele que os gregos idealizavam na figura do ἀνὴρ καλὸς καὶ ἀγαθός. A ἀνδρεία, por excelência a virtude do ἀνὴρ, na qual se combinam a força do corpo e a força da inteligência, tem por componentes a solidariedade com os φίλοι, a providência, a moderação, a avaliação inteligente das situações. No quadro da guerra ela perde seu sentido original e assume o sentido que tem a audácia, cujos predicados são a irreflexão e a agressividade estúpida.

Na tradução que apresentamos há pouco – e ela é apenas uma tentativa que serve para o momento – usamos **agressividade estúpida** como correspondente a τὸ ἐμπλήκτως ὄξύ que se alinha com as expressões **covardia de bela aparência, disfarce do não viril, inércia em tudo, pretexto de fuga**. Essas expressões enunciam o novo significado que, segundo Tucídides, em razão da inversão do sentido usual das palavras passaram a ter as expressões **demora, previdente, moderação, inteligência em tudo e deliberação segura**. As primeiras são congêneres da τόλμα ἀλόγιστος (ousadia irracional) e as segundas, congêneres da ἀνδρεία φιλέταιρος (coragem amiga dos companheiros). Dentro do contexto em que está, a expressão το ἐμπλήκτως ὄξύ se destaca e tem um peso maior que as outras. É usada num elemento que rompe a estrutura firme e fechada do texto cujos elementos são proposições antitéticas que têm um ritmo binário em que se evidencia o contraste entre o novo significado e o antigo significado das palavras². Quebra uma série de frases

2 – A estrutura artificial da passagem fica evidente através de um esquema de apresentação gráfica do texto grego onde se marcam, além das antíteses, as múltiplas ligações semânticas entre os membros:

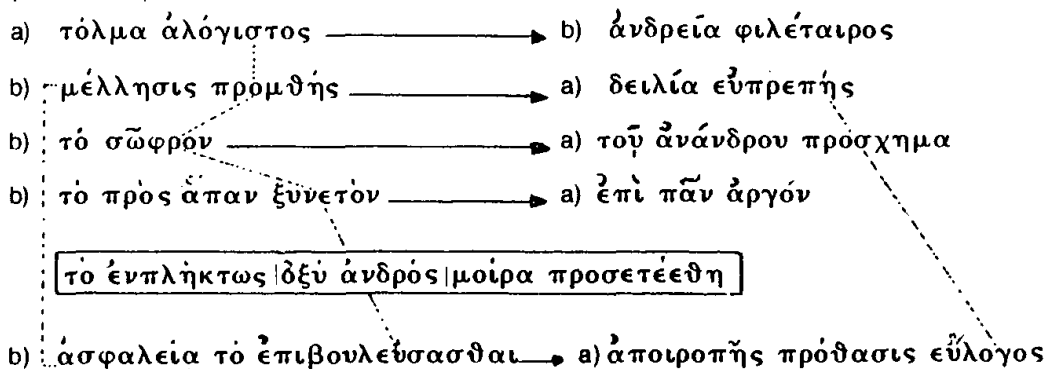
que se moldam pela primeira, tendo como elemento de ligação entre o sujeito e o predicado nominal o verbo ἐνομίσθη (foi considerada), que lá aparece explícito. A agressividade estúpida foi acrescentada ao destino do varão (τό ἐμπλήκτως, ὄξύ προσετέθη μοῖρα τοῦ ἀνδρός. A tradução, embora siga de perto o texto original, não deixa ver algo que é evidente no grego: "a agressividade estúpida foi imposta como acréscimo (πρός + ἐτέθη) à μοῖρα do varão". Identificamos aí, usando uma palavra homérica, a idéia de algo ὑπέρ μόνον que investe o homem com o atributo do βίαιος διδάσκαλος.

A subversão do significado habitual das palavras mostra um novo modo de ver o mundo, uma nova mundividência na qual os planos, a precaução, a previdência e a moderação são considerados como eufemismos que escondem uma covardia (δειλία εὐπρεπής) ou como disfarce do não viril (τοῦ ἀνάνδρου πρόσχημα). Conseqüentemente passa a merecer fé quem é duro e áspero, sendo suspeito quem o refuta, enquanto o grau de perspicácia e inteligência de um homem passa a ser medido pelo êxito que ele tem ao armar ciladas, numa porfia cuja regra é supor que também o adversário delas usará porque aparece como desmancha-partido e timorato quem recusa essa arma.

O homem da guerra assume plenamente a ousadia irracional (τόλμα ἄλόγιστο) como virtude do ανηρ quando chega a ousar sem disfarces da (ἀπροφασίστως τολμᾶν), pondo de lado os disfarces da ἀνδρεία φιλέταιρος, isto é, o respeito aos laços de parentesco, à lei divina, aos princípios de generosidade que dão fundamento aos acordos, substituindo-os pela verdade do fanatismo das facções políticas, das vinganças, da fraude e do engano.

A causa de tudo isso, conclui Tucídides, era o poder que vem da πλεονεξία e da φιλοτιμία. Primazia à igualdade para todos na cidade ou à aristocracia moderada

(cont. nota 2)



Nota-se também que a apresentação quilástica das duas primeiras proposições isola o primeiro par, dando um destaque especial à oposição τόλμα — ἀνδρεία que aparece como matriz das antíteses subseqüentes.

são apenas slogans que servem para conquista do poder – quer se fale da luta maior, e dos peloponésios e atenienses ou da luta das facções nas cidades – porque a πλεονεξία e a φιλοτιμία que estão na base da luta pelo poder excluem a preocupação com o bem comum e a justiça.

Citando, comentando e parafraseando o texto de Tucídides chegamos ao fim do capítulo 82, que se fecha com a apresentação do ἀγῆτιον, com a revelação da etiologia da violência que é, ao mesmo tempo, a etiologia do estado de guerra. Com isso parece ter-se esgotado o tema da reflexão, mas o texto ganha novo alento e prossegue por mais um capítulo.

Para explicar o sentido e função desse novo desenvolvimento da **Patologia** que, à primeira vista, pode parecer apenas um desdobramento da parte anterior, até mesmo redundante, será necessário que façamos algumas observações sobre uma peculiaridade da estrutura do texto.

A **Patologia** e a **Arqueologia**, que, como já dissemos, são secções em que Tucídides fala em nome próprio emitindo suas idéias pessoais, têm uma característica comum pela qual se destacam dentro do conjunto da obra. Apresentam-se como um todo coeso e autônomo – e por isso podem ser consideradas digressões – onde a progressão do pensamento e da exposição assume um ritmo peculiar que não é o mesmo das narrativas e dos discursos. Suas partes são imbricadas porque o pensamento avança com um andamento circular no qual a mesma idéia é proposta, desenvolvida e retomada para depois progredir por meio de uma associação de idéias que fornece elementos para um novo desenvolvimento. A estilística reconhece nesse tipo de organização do texto uma marca do estilo arcaico de composição a que dão o nome de *Ringkomposition* (composição anular), porque nela as unidades se completam quando o pensamento volta ao ponto de partida.

Embora não nos proponhamos a fazer aqui uma análise pormenorizada da **Patologia** sob essa perspectiva, devemos levá-la em conta para entender a relação entre as suas partes e principalmente para entender a função do capítulo 83.

Πᾶσα τε ἰδέα κατέστη θανάτου (III 81,5), “a morte assumiu todas as formas” e οὕτως ὡμῆ ἢ στάσις προχώρησε (III 82,1), “assim cruenta a guerra civil foi avante”, são duas frases que marcam o ponto de articulação primário do τὰ Κερκυραϊκά, com um movimento duplo: a primeira prepara a reflexão abstrata sobre os acontecimentos, a segunda remete de novo ao quadro de terror já delineado procurando manter viva na memória a lembrança dos sofrimentos e do derramamento de sangue.

Como vimos, na **Patologia**, a exposição sai gradualmente do nível do particular, o caso concreto de Corcira, para chegar ao ponto mais alto de abstração com a caracterização da guerra através da inversão do sentido habitual das palavras. A seguir o que havia sido formulado a nível de conceitos é comprovado no comportamento individual, no comportamento do homem duro e áspero, do agressivo, do desleal, do vingativo, do perjuro. Assim o texto volta a delinear o quadro da guerra, mas agora não mais referindo-se a ações que possam ser localizadas num espaço e tempo determinados,

não mais em Corcira, em Mitilene ou em Platéias, nem no quinto ano da guerra, mas ações típicas de indivíduos típicos.

A determinação do αἴτιον da guerra reinicia o movimento em busca de nível maior de abstração, o que vai ser alcançado no início do capítulo 83: οὕτως πᾶσα ἰδέα κατέστη κακοτροπίας (III 83,1), "a depravação dos costumes assumiu todas as formas". A recorrência da fórmula πᾶσα τε ἰδέα κατέστη, apenas com a substituição de θανάτου por κακοτροπίας, iniciada pelo advérbio οὕτως que remete ao que já foi dito, funciona como um refrão que marca o início de uma nova unidade constitutiva do texto.

O contraste entre parte descritiva de uma situação e parte reflexiva se repete fazendo-nos ver no capítulo 83 não uma redundância ou desdobramento ocioso, mas um elemento essencial da passagem a que chamamos **Patologia**, que nela se encaixa segundo os padrões de estruturação do conjunto e apresenta os resultados finais da reflexão de Tucídides sobre a guerra.

Deixando de lado comentários ou paráfrases, passemos a palavra ao próprio Tucídides:

"Assim a depravação dos costumes assumiu todas as formas por causa das guerras civis no mundo helênico e a integridade de caráter da qual a nobreza tem muito, ridicularizada, desapareceu e uns contra os outros postarem-se com ânimo desleal como adversários foi o que em geral predominou: o elemento de conciliação não era nem a palavra firme, nem o juramento terrível e os mais fortes, todos, por cálculo da desesperança na estabilidade, cuidavam para que não viessem a sofrer e não eram capazes de confiar. E os de inteligência mais pobre, na maioria das vezes, sobreviviam pois, temendo sua própria indigência e a perspicácia dos adversários, com medo de que ficassem em inferioridade e outros, em razão da versatilidade de sua inteligência, fossem os primeiros nas intrigas, ousadamente passavam à ação. E outros, pensando com menosprezo que pressentiriam o perigo e julgando que não era com a ação que deviam tomar algo que estivesse ao alcance da inteligência, inermes, mais ainda iam sendo destruídos" (III 83).

Como uma **Patologia**, um discurso sobre a guerra, inserido na **Patologia** maior, o quadro da guerra delineado no capítulo 84 a reduz a seus traços essenciais: deslealdade, desesperança, instabilidade, insegurança, ineficácia da inteligência, vitória da ação temerária, morte.

Assim se completa o movimento circular que nos põe de novo diante dos olhos a στάσις de Corcira e o quadro de dor e morte por ela gerado.

Temos, assim, no discurso de Tucídides sobre a guerra, na **Patologia** – e justificamos agora o nome tradicionalmente atribuído à passagem – também o discurso sobre o πάθος e sobre os πάθη sofridos pelos homens sob a ação do βίαιος

διδάσκαλος. De um lado, a impressão, a marca deixada pela guerra: sofrimento, derramamento de sangue, crueldade e morte; de outro, as mudanças: subversão de valores, degeneração dos costumes.

Embora na *História* de Tucídides a exposição dos acontecimentos esteja submetida a um sistema de ordenação que respeita rigorosamente sua sucessão cronológica, nela há uma disposição artística com que o autor ressalta semelhanças e contrastes entre episódios e situações distantes no espaço e no tempo, construindo um grande painel. No caso da *Patologia* fica evidente a semelhança com o quadro da peste em Atenas traçado no livro II (47-54).

Tucídides começa tentando determinar a origem da epidemia e sua aparição primeira em outras terras, mas desiste de enunciar-lhe as causas, tarefa que deixa aos médicos. Passa então a enumerar e a descrever os sofrimentos que ela causou, com a autoridade de quem foi uma de suas vítimas e foi testemunha pessoal do sofrimento de outros. Registra os sintomas e as manifestações da moléstia em todos os estágios com uma minúcia e com cuidado na observação das reações do paciente que só encontram paralelo nos escritos médicos da escola hipocrática.

O texto se desdobra numa segunda parte em que Tucídides enumera e comenta os efeitos psicológicos e sociais da desgraça sofrida pela cidade: medo e angústia diante da ameaça de morte iminente e inevitável, egoísmo que faz esquecer a solidariedade entre parentes e amigos, ânsia pelo prazer imediato, mentira e falsidade, desrespeito às normas de convívio social que chega até a omissão dos deveres para com os mortos que ficam insepultos ou têm tratamento indigno, ausência de temor aos deuses, transgressão da lei dos homens.

A comparação entre o episódio da peste em Atenas e o da στάσις em Corcira torna evidente a semelhança de estrutura que nas duas é integrada por duas partes: descrição minuciosa de um processo e análise de seus efeitos. A semelhança entre as duas é tão nítida que não parece arriscado dizer-se que o autor não quis que ela passasse despercebida ao leitor e que ele deixa implícita a idéia de que a guerra podia ser interpretada como um processo mórbido que atinge as cidades. Seria arriscado, porém, concluir-se também que Tucídides, à maneira do médico, observou o doente, no caso, a cidade em guerra, registrou os sintomas e manifestações da moléstia, pesquisou suas causas, combinou diagnósticos e prognósticos, elaborando um discurso sobre a guerra como doença do corpo social.

A atitude de Tucídides não é a de um médico que tem esperança de propiciar a cura do doente com o seu saber, com sua τέχνη. Ao contrário, ele vê a guerra e os sofrimentos que dela decorrem como um mal que sempre atingirá os homens, enquanto a natureza humana for a mesma. Sentimos que sua reflexão é marcada pelo pesar que lhe causa a visão dos sofrimentos que atingem os homens, já que são incapazes de seguir o caminho que a razão lhes indica.

Servir-nos-á de epílogo uma citação do párodo do Agamenão de Ésquilo, algo que poderia servir de epígrafe ao texto da *Patologia*: τῷ πάθει μάθος, "aprender com o sofrimento", a lei que Zeus impõe àqueles que ele conduz pelo caminho da sabedoria.

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

OBRAS ESPECIAIS

- KATIČIĆ, R. Die Ringkomposition im ersten Buche des thukydideischen Geschichtswerkes. **Wiener Studien**, Wien, 70:179-96, 1957.
- REINHARDT, K. Thukydides und Machiavelli. In: **Vermächtnis der Antike**. Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 1960. S. 184-284.
- WASSERMANN, F. M. Thucydides and Desintegration of the Polis. **TAPA** 85:46-54, 1954. [=Thukydides und die moralische Krise der Polis; übersetzt vom Verfasser. In: HERTER, H ed. **THUKYDIDES**, Weg der Forschung, Band XCVIII, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1968. S. 400-11.]
- WILLE, G. Zu Stil und Methode des Thukydides. In: **Synusia**. Festgabe für Wolfgang Schadewaldt, Pfullingen, 1965. 53-7. [=Zu Stil und Methode des Thukydides. HERTER, H. ed. **THUKYDIDES**, Weg der Forschung, Band XCVIII, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1968. S. 683-716.]

TEXTOS

- THUCYDIDE. **Histoire de la Guerre du Péloponnèse**, III. Texte ét. & trad. par R. Weil avec la coll. de J. de Romilly. Paris, "Les Belles Lettres", 1967.